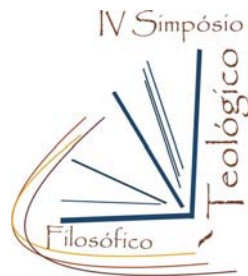


O papel da imaginação na constituição e interpretação do outro em Edmund Husserl

Vanessa Cristina Fernandes Lopes¹
Bacharelanda / UFMG / Filosofia

Vasto é o campo de discussão quando o assunto é a subjetividade humana. Desde a modernidade, citando Descartes como um de seus mais robustos exemplos, este é um problema que se coloca de maneira incômoda, complexa e bastante polêmica. Desde o *cogito* cartesiano autônomo e auto-evidente até as mais recentes discussões acerca do que realmente se constitui o eu – se é que há realmente um eu, diriam alguns – a filosofia tem promovido interessantes embates, com tentativas de respostas as mais variadas. Mas não é por esta via que seguiremos, por mais tentadora que pareça. Nosso objetivo é refletir acerca da contribuição que Edmund Husserl traz, de maneira pertinente – e por que não dizer, inovadora – para a senda de uma discussão que até hoje se mostra bastante fecunda: a intersubjetividade. A partir desta problemática desenvolvida em suas *Meditações cartesianas*, mostraremos que o problema do outro, presente de maneira mais evidente nos escritos finais de Husserl, se entrecruza com outro não menos polêmico: a imaginação. Nossa finalidade aqui é indicar como a imaginação, embora não diretamente trabalhada pelo autor, é ponto importante para a constituição e interpretação do outro no campo de significações do *ego* monádico. De maneira breve, tentando não desmerecer um filósofo cuja importância e brilhantismo do pensamento são diretamente proporcionais à sua complexidade, buscaremos esclarecer como a imaginação é parte fundamental para esta reflexão. Iniciando, claro, pelo seu papel na *epoché* husserliana. Não é menos pertinente ressaltar que também não faz parte de nossa intenção discutir acerca da problemática

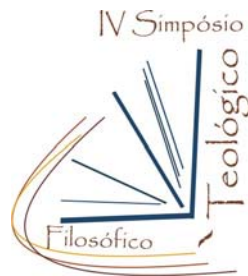
¹ Médica graduada pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Medicina pela Federação Brasileira das Sociedades de Ginecologia e Obstetrícia. Bacharelanda em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.



envolvendo os conceitos e usos filosóficos da imaginação. Para realizar esta tarefa, nosso precioso interlocutor será Paul Ricoeur², que discute a fenomenologia em vários de seus textos, de forma crítica e lúcida. Assim, posto o problema, partiremos para uma breve recapitulação com o intuito de aclarar a questão da *epoché* husserliana e o problema da intersubjetividade transcendental.

Husserl, à maneira de Descartes, procura um recomeço para a filosofia. A idéia de reconstrução encontra-se explicitada já na introdução de suas *Meditações cartesianas*, obra em que o filósofo alemão exorta ser necessário primeiramente perguntar-se acerca da possibilidade de um método que o fizesse encontrar o caminho para chegar ao saber verdadeiro (HUSSERL, 2001, p. 20). Para ele, as *Meditações* de Descartes não são meramente uma maneira de expressar um pensamento próprio; contrariamente, elas correspondem ao método necessário a que todo filósofo deveria recorrer para dar origem a uma filosofia (HUSSERL, 2001, p. 20). Assim como o filósofo francês, Husserl também buscava um ponto arquimediano suficientemente sólido para fundamentar sua filosofia como ciência de rigor. Era preciso buscar solidez e determinação para reformular e transformar a então "decadente" filosofia, empobrecida, segundo ele, por múltiplas e divergentes "escolas" e "tendências" (HUSSERL, 2001, p. 23). Com a retomada das *Meditações sobre filosofia primeira* de Descartes, Husserl busca também tal recomeço. É na recuperação do *ego cogito* cartesiano – não para adotá-lo integralmente, como frisa – que ele percorre, à maneira meditativa, os caminhos que o levarão à fenomenologia transcendental. Tomando o *ego cogito* como ponto de partida, metodicamente Husserl seguirá, em busca da certeza, etapas que acabarão

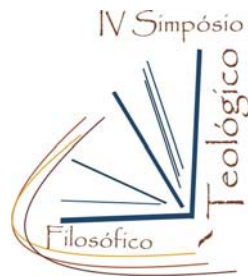
² Cf. RICOEUR, Paul. *Do texto à acção*. Ensaios de hermenêutica II. A discussão a que nos referimos está no capítulo *A imaginação no discurso e na acção*, no qual Ricoeur, com muita propriedade, reflete sobre o assunto, inclusive abordando a imaginação como presente na obra de Edmund Husserl. Outro ensaio de Ricoeur que merece ser destacado é *Fenomenologia e hermenêutica: no rastro de Husserl*. Nosso pensamento concorda, neste artigo, com o de Ricoeur, que nos auxilia no desenvolvimento de nossa tese.



conduzindo, inexoravelmente, ao outro. Tendo como guia as *Meditações cartesianas* de Husserl, procuraremos entender a constituição do outro em seu pensamento através da intersubjetividade transcendental, e como a imaginação faz parte fundamental deste processo – o que mostraremos ao longo do texto, ora explícita, ora implicitamente. Não é nosso objetivo uma análise detalhada sobre o assunto. Nossa atenção estará voltada, sobretudo, para a quarta e quinta meditações, onde são expostos os problemas acerca do próprio *ego* transcendental e da intersubjetividade, respectivamente. E é nestas meditações que mostraremos a presença, implícita, da imaginação. É importante salientar a densidade da obra e a dificuldade em dialogar com Edmund Husserl, filósofo por demais rigoroso e metódico. Esscrúpulos não nos faltam para tratar do assunto. Tentaremos aqui abordar a presença da imaginação na constituição da intersubjetividade, com o intuito de pensar acerca de sua pertença mútua e possibilitar, quiçá, discussões posteriores.

Através da *epoché* fenomenológica, Husserl faz a diferenciação entre "eu" psicológico e "eu" transcendental. A *epoché* é a colocação de toda a transcendência "entre parênteses" – uma "(...) inibição universal de todas as tomadas de posição face ao mundo objectivo (...)" (HUSSERL, 1992, p. 15). O mundo, após a redução fenomenológica, passa a ser o vivido, o recordado, o percebido, o imaginado, etc. E não o é no sentido de mundo subjetivo, submetido às condições variáveis de cada indivíduo – não o é para um eu psíquico, somente. Quando se procede à redução, está o mundo posto como ser-fenômeno³; o eu natural, humano, é então reduzido a um eu puro, o eu transcendental. Neste ponto de suspensão dos juízos

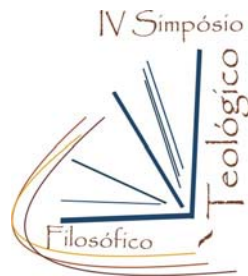
³ O ser do fenômeno é o resultante da *epoché*; colocando "entre parênteses" o mundo natural e o próprio *ego* empírico, o que resta é o fenômeno em si, sempre idêntico a si mesmo, conservado no domínio da imanência da consciência como seu correlato intencional em seus modos de aparecer. Retirando do objeto o que lhe é transcendente, este se revela como *cogitatum*, o terceiro termo que diferencia o *cogito* husserliano de Descartes. O objeto, assim tomado, é sempre mais visado do que dado; é à medida que é submetido aos fluxos da consciência é que se forma seu sentido.



acerca do eu humano e do mundo, revelam-se as possibilidades do ser deste mundo e de qualquer essência fazerem sentido para mim (HUSSERL, 1992, p. 18). Segundo Husserl, não há, neste ponto, "(...) nenhum eu e nenhuns actos psíquicos, fenómenos psíquicos no sentido da psicologia: para mim, por conseguinte, eu também não existo como homem (...)" (HUSSERL, 1992, p. 17). Na redução transcendental, é preciso suspender os juízos; é necessário que se extraia tudo o que for transcendente, estranho, pré-concebido. É preciso que se imagine um mundo, um *ego*, despidos da sua pura presença empírica; é necessário que entre em ação a imaginação crítica, desmistificadora. É mister imaginar um eu "imaculado" como resíduo da redução – o *ego* que rejeita os velhos preconceitos e pretende, através de sua consciência intencional, buscar o sentido único na multiplicidade incomunicável. Para isso, Husserl utiliza-se da palavra *abstração*, no intuito de evocar a capacidade de separar, mentalmente, o dado puramente empírico do fenômeno; mas não é este mesmo ato de abstrair que convoca a capacidade de se imaginar, como possível, o ato e os resultados que dele derivam? Esta afirmação confirma-se n'A *idéia da fenomenologia*, obra em que Husserl refere-se diretamente à imaginação como componente da *epoché* - as representações possuem um caráter privilegiado em relação às percepções, pois aí já se encontram suspensas, de antemão, as posições empíricas sobre a existência⁴. Segundo ele, a possibilidade do juízo acerca das essências, depois de realizada a redução fenomenológica, independe da diferença entre percepção e fantasia.

Deste modo, na atitude fenomenológica, o *ego* desdobra-se no eu empírico, voltado para o mundo, e no eu fenomenológico, espectador desinteressado desse mesmo mundo, e resultado de um movimento reflexivo do eu que se percebe capaz de abandonar a atitude ingênua e adotar uma postura crítica frente ao conhecimento. Com a *epoché*, não se perde o mundo; ele é mantido pelo *ego* transcendental como fenômeno, como *cogitatum* de sua

⁴ Cf. HUSSERL, E. *A idéia da fenomenologia*, §70.

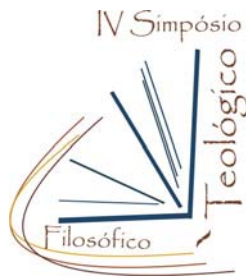


consciência intencional. Permanece como possibilidade através da estrutura noemática da consciência:

ao efetuar rigorosamente a redução fenomenológica, mantemos em caráter noético o campo livre e ilimitado da vida pura da consciência e, da parte de seu correlato noemático, o mundo fenômeno como seu objeto intencional. Assim, o *eu* da meditação fenomenológica pode tornar-se em toda a universalidade *espectador imparcial de si mesmo*, (...) e esse "si mesmo" *compreende toda a objetividade que "existe" para ele*, tal como ela existe para ele. (HUSSERL, 2001, p. 54-55).

Para o eu transcendental, o mundo é um correlato intencional, o *cogitatum* de suas *cogitationes*, passível de um sentido dado através da atitude fenomenológica – e da capacidade imaginativa subjacente. É através do mundo-fenômeno, resíduo da redução, que o *ego* transcendental busca a significação – uma nova significação.

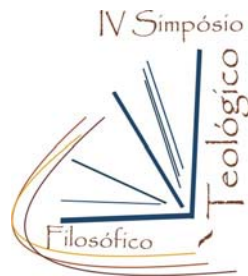
Sabidamente, o *ego* transcendental é fruto da redução fenomenológica, e seguindo nosso pensamento, da capacidade imaginativa subentendida – posso pensar-me como um eu puro a partir de minha existência empírica. Este *ego* apresenta-se como auto-evidente e abrange em si todos os problemas da constituição em geral – "é existente para si mesmo como uma evidência contínua e em conseqüência *constitui continuamente a si mesmo como existente*" (HUSSERL, 2001, p. 82). Diferencia-se do *ego* empírico e dos estados vividos da consciência. Revela-se como um pólo permanente de possibilidades – perceber, pensar, desejar, recordar, enfim, todo e qualquer modo da consciência -, e é a unidade que permite a síntese destes modos da consciência, tornando possível a concepção do objeto sempre como idêntico a si mesmo, apesar das multiplicidades em seu aparecer. Neste momento, o *ego* está relacionado a um primeiro tipo de polarização – a polarização que diz respeito à unidade entre *cogito* e *cogitatum*. Mas Husserl exorta que este não é um pólo de identidade vazia; ao intencionalizar o objeto, é sempre de uma determinada maneira, e desta forma o eu adquire



novas propriedades permanentes. O ato passa, o objeto se vai, mas ficam dele as impressões e o eu permanece. Ao longo dessas vivências, é formado o que Husserl chama de *habitus* – e o eu, nesta nova polarização, é o substrato do *habitus*. (HUSSERL, 2001, p. 83). Através do *habitus* é possível a manutenção da unidade do sujeito, mas dentro de um mundo de significações que persistem e que podem ser modificadas ou atualizadas ao longo da vida e dos fluxos novos de consciência. À medida que o eu torna-se substrato desse *habitus*, afasta-se de seu caráter apriorístico de *cogito* e passa a constituir o eu concreto, que vive e se reconhece na permanência – adquire um caráter pessoal.

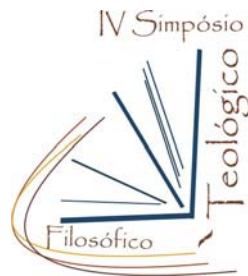
A esse *ego*, substrato do *habitus*, Husserl chama de *mônada*⁵, tomando o termo emprestado de Leibniz (HUSSERL, 2001, p. 84), e é como *mônada* que se realiza sua primeira tomada de consciência. Como *ego cogito* que tem o mundo como seu correlato intencional, ele torna-se campo de puras possibilidades através de suas experiências. Mas é como *mônada* que ele tem consciência de si e se percebe no mundo; assim, a análise transcendental só encontrará um *ego* para o qual o mundo constituído já existe (HUSSERL, 2001, p. 93). Mas Husserl coloca um problema para esta relação *ego*-mundo: como as vivências, desenvolvendo-se na imanência de uma consciência, podem adquirir uma significação objetiva? Como a evidência (aqui no sentido de percepção clara e distinta) pode pretender ser mais que um caráter da consciência? A resposta a estas perguntas vai conduzir à intersubjetividade, e à tentativa husserliana de ultrapassar o solipsismo cartesiano.

⁵ Segundo Leibniz, a *mônada* "é um átomo espiritual, uma substância desprovida de partes e de extensão, portanto indivisível. (...) Cada *mônada* é diferente das outras, pois não existem na natureza dois seres perfeitamente iguais. Toda *mônada* constitui um ponto de vista sobre o mundo, sendo, portanto, todo o mundo de determinado ponto de vista (...)" ABBAGNANO, 2003, p. 680. Como já explicitado no texto, o *ego* monádico, para Husserl, relaciona-se ao eu concreto. A *mônada* é uma unidade de conteúdos particulares. Cf. HUSSERL, 2001.



A partir desta relação inseparável entre *ego* e mundo (entre minha imanência e a transcendência) é que vão surgir outros *egos* – eles serão transcendentalmente constituídos mesmo sem que eu os vivencie diretamente, porque tudo o que se aplica ao meu *ego*, aplica-se também aos outros. E aqui, como observa Ricoeur, se entrecruzam a imaginação e a possibilidade da intersubjetividade no pensamento de Husserl. O mundo poderá ser, então, intersubjetivamente constituído, pois da mesma maneira que percepciono o mundo através da atitude fenomenológica, outros *egos* também o fazem, num mesmo horizonte de possibilidades. A objetividade do mundo será constituída não a partir de meu *ego* solitário, mas também a partir do que for o não-eu: os outros. Para que se estabeleça para mim um mundo que é comum a "nós", é por meio de mônadas "estranhas" constituídas por mim que isso pode se realizar (HUSSERL, 2001, p. 102). Mas o fato de estas mônadas, outros *egos*, serem estranhos a mim não significa simplesmente que os represento como objetos. É através da noção de *alter-ego*, composta a partir do eu transcendental, que será explicitado o problema. E as possíveis soluções.

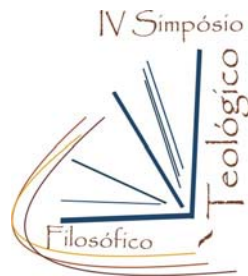
O outro, em princípio, aparece a mim como correlato intencional da minha consciência – e neste primeiro momento "não passa para mim de um 'fio condutor transcendental'" (HUSSERL, 2001, p. 105). Mas não aparece como simples objeto, como "simples coisas da natureza" (embora Husserl diga que o são "de certa maneira"); os outros mostram-se também como estruturas psicofísicas semelhantes à minha, e estão igualmente no mundo. Assim como os vivencio eles também vivenciam a mim. Segundo Husserl, a experiência do mundo e dos outros já faz parte do "quadro da minha vida de consciência" como algo já estabelecido de acordo com o sentido da própria experiência dos outros *egos* (HUSSERL, 2001, p. 106). Não é simplesmente uma obra da atividade noemática, é um mundo já existente, "intersubjetivo", estranho a mim e experienciado por nós. A teoria transcendental da



experiência do outro também pode ser chamada endopatia⁶, que vai além da simples constituição do outro – é tida como condição para o sentido da existência do mundo (HUSSERL, 2001, p. 107). E é através da endopatia que posso perceber o outro como outro *ego*; não simplesmente como uma relação analógica, mas como diz Ricoeur, como uma “transferência de significação do eu”. Essa ligação direta com meus contemporâneos, com aqueles que vieram antes e virão ainda, me permite afirmar minha subjetividade. Imagino que eles pensam como eu, vivenciam e percebem o mundo de maneira semelhante, e desta forma, também participam da constituição do sentido que é comum a nós.

A possibilidade dessa constituição de um mundo objetivo só poderá ser fundamentada através da intersubjetividade (HUSSERL, 2001, p. 122). Mas não se trata simplesmente captar o outro a partir de mim, como uma simples analogia, como se o outro fosse somente um outro de mim. O outro é um *ego* – empírico e transcendental – que faz parte do mundo e que também, através de seus próprios fluxos de consciência, lhe dá sentido. Um sentido que é comum a todas as mônadas, e que permite que vivenciemos horizontes comuns. Acontece que essa percepção do outro faz-me deparar com aquilo que é estranho a mim – um estranhamento que se estende aos outros *egos* e ao mundo. Mas o mundo já foi colocado em suspenso pela *epoché*, assim como meu *ego* empírico. À medida que tomo consciência de mim como *ego* transcendental – como mônada – me apreendo como sujeito psicofísico dotado de um corpo e de tudo que dele deriva ao modo do “aqui” (HUSSERL, 2001, p. 130). Preciso então depurar-me daquilo que não “pertence” diretamente a mim, aquilo que se apresenta ao meu *ego* no modo do “ali”. Quando retiro de mim tudo o que não me “pertence”, descubro-me como membro do mundo – eu, *ego* transcendental deparo-me com meu eu

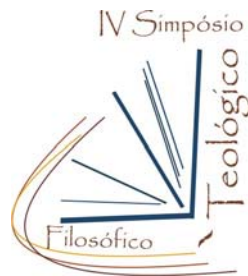
⁶ Basicamente, segundo Husserl, a endopatia é a teoria da experiência do outro, mas só pode adquirir sentido com a ajuda da fenomenologia constitutiva – o outro não pode ser considerado como simples objetividade, pois se recairia na ineficiência da atitude natural.



humano, presente num mundo que não possui sentido exclusivo para mim, e do qual não tenho experiências solitárias. Ao modo do meu "aqui" aparece outro eu psicofísico, semelhante a mim, mas que também através de sua transcendência me constitui como "ali" e que constitui para si o seu "aqui". Partilhamos semelhanças sem que o outro seja simplesmente um *analogon*, mas outro *ego* que se apresenta para mim através de um emparelhamento⁷ – e assim mantemos uma unidade de semelhança sem sermos iguais, o que pressupõe uma unidade na diferença. O emparelhamento só acontece quando o outro entra no campo da minha percepção, quando posso distinguir meu eu empírico do *ego* de outrem, que por possuir estrutura semelhante à minha, permite que eu lhe transfira um sentido a partir de mim (HUSSERL, 2001, p. 126-127). Tal transferência de sentido, como já nos referimos acima, é realizada mediante um esforço imaginativo, uma transposição do meu "aqui" para o "ali" do outro. A endopatia faz com que eu me coloque no lugar do outro, que imagine como o outro pensa, percebe, significa. Isso não significa um desaparecimento do meu *ego* quando este se projeta em direção ao outro *ego*; outrossim, revela sua capacidade de desprendimento em busca de outrem – rumo à intersubjetividade.

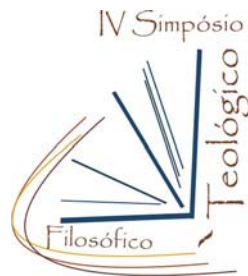
As mônadas possuem uma "natureza" comum, cada uma constituindo seu mundo primordial a partir de suas vivências e percepções. Cada uma é, para

⁷ O emparelhamento é uma "configuração em 'pares' que, em seguida, transforma-se na configuração em grupo, na multiplicidade – é um fenômeno transcendental". O emparelhamento é a primeira particularidade da experiência do outro, não pertencendo, no entanto, exclusivamente a tal experiência (HUSSERL, 2001, p. 126). Cf. também HUSSERL, 2001, p. 93-97, onde há explicação acerca da constituição ativa e passiva, conceitos importantes para o entendimento do emparelhamento, que é um tipo de constituição passiva. Na gênese constitutiva ativa, o eu constitui (sempre aqui as relações são do sujeito com o mundo concreto) e atua através de atos próprios – tal como as ações, as predicções, as operações matemáticas, sem que haja necessariamente a presença da coisa. Já a constituição passiva ocorre quando o eu se depara com um objeto que existe de antemão – é um movimento receptivo onde o objeto é percebido como "ele mesmo". A síntese passiva fornece "matéria" para que sejam realizadas sínteses posteriores. É através da síntese passiva que podemos ter a experiência da "coisa", e é graças a ela que podemos perceber os objetos do mundo, os outros, a cultura. A associação é o princípio universal dessa gênese passiva que possibilita a constituição de todos os objetos intencionais. O princípio da associação é um conceito fundamental da fenomenologia transcendental, como veremos a seguir.



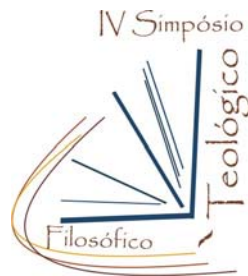
si, um *ego* absoluto que percebe seu eu humano no modo do "aqui". Não se trata de dizer que as mônadas constituem isoladamente o sentido para o mundo e para os objetos; enquanto presentes no mundo real, cada uma aparece como presença diante de mim, primeiramente como um análogo do meu eu – que a mim é semelhante – e posteriormente como outra mônada que pode, como estranha a mim, constituir-me ao modo do "ali" em seu "aqui" (HUSSERL, 2001, p. 131). Segundo Husserl, esse aparecer, essa presença, lembra-me do meu próprio corpo como se eu estivesse "ali"; crio então um vínculo com esse outro que possui características semelhantes a mim; ele possui um corpo físico em que posso tocar e perceber que existe. Este é um primeiro momento. Num segundo momento, apreendo o outro não somente como corpo físico semelhante ao meu, mas como possuidor de uma esfera psíquica que também tem correspondência com a minha, traduzida em processos que me são familiares em minha própria atividade como *ego* (HUSSERL, 2001, p. 133). A partir do meu próprio comportamento posso compreender o comportamento de outrem nessa instância psíquica superior, encaminhando-nos para a esfera da endopatia. À medida que meus conteúdos psíquicos se entrelaçam com os conteúdos dos outros, crio sempre novas possibilidades de compreensão acerca destes e do mundo – e essas apreensões distintas e sempre novas tornam-me capaz de formar novas associações (HUSSERL, 2001, p. 134).

Essa interpenetração intencional – que faz com que eu perceba o outro e este me perceba dentro de um horizonte comum – faz com que percebamos uma "natureza comum" entre nós, e possibilita-nos formar uma comunidade entre as mônadas. Tal comunidade intersubjetiva é que permite um sentido ao mundo – que de outra forma, segundo Husserl, não teria nem sentido nem existência (HUSSERL, 2001, p. 139). A existência do mundo é verificada através da concordância de percepção e constituição realizada pela comunidade intersubjetiva. Fica, então, estabelecida a possibilidade da coexistência do meu eu com o outro, da minha intencionalidade com a dele,



"das minhas realidades e das dele", da criação de uma forma temporal comum. A comunidade monádica está, desta forma, "mútua e reciprocamente unida na sua própria constituição, pois está ligada à constituição de um mundo e de um tempo cósmicos" (HUSSERL, 2001, p. 141-142). Este mundo é constituído e possui objetividade porque é visado por inúmeras experiências constitutivas que concordam, que vivem sob o mesmo horizonte de possibilidades. Cada um existe para si, em sua esfera primordial, mas também existe para o outro enquanto apresentação inseparável do mundo existente. Para que se estabeleça a objetividade do mundo - um mundo de homens e de coisas - é necessária a coexistência entre os indivíduos. Não indivíduos entendidos como análogos e que são constituídos a partir de mim, a partir da semelhança que seus corpos possuem com o meu. Mas como outros membros efetivos de um mundo, de uma sociedade, o que implica necessariamente na minha existência e na existência dos outros. Dentro de um mesmo horizonte, assim como apreendo o outro como algo diverso do meu eu, ele também me apreende. Para Husserl, "os homens só podem ser apreendidos ao encontrarem (na realidade ou potencialmente) outros homens em torno deles" (HUSSERL, 2001, p. 143). O mundo torna-se então um mundo de infinitas possibilidades, formado pela multiplicidade das vivências de cada um, em uma comunhão inseparável. A experiência do mundo tem sempre "horizontes abertos e indeterminados", a partir de mim como *ego* que vivencio sua transcendentalidade e a partir das experiências comuns e infindáveis dos outros. O mundo, então, pode ser entendido como uma idéia infinita, jamais fechada em si e sempre aberta às possibilidades constitutivas do meu eu e do outro. A humanidade e o mundo, antes pensados como um em-si⁸, agora são revelados como possibilidades infinitas e nunca acabadas.

⁸ Husserl faz aqui uma referência à teoria do conhecimento de Kant, quando este coloca, na *Crítica da razão pura* (mais precisamente na Dialética transcendental), a impossibilidade do conhecimento das idéias puras (Deus, alma e mundo). Kant coloca tais idéias como transcendentais, e, portanto, fora da esfera do conhecimento, o que é contraposto por Husserl



Inicialmente, o *ego* tomou consciência de si como mônada, como possuidor de uma consciência intencional doadora de sentido ao mundo e aos objetos, mas também como possuidor de um corpo físico que habita o mundo. Posteriormente, encontrou-se com outras mônadas, que também como este *ego*, possuem sua intencionalidade e sua realidade física no mundo. Husserl diz que, enquanto *ego*, não posso criar as outras mônadas, mas somente encontrá-las (HUSSERL, 2001, p. 154). E ao encontrar estas mônadas, é através da endopatia, do movimento de imaginar o outro como outro eu, como semelhante a mim em tudo, mas diferente em sua própria unidade, ressignifico o mundo. Existe, então, uma segunda tomada de consciência – intermonádica -, que coloca o *ego* diretamente presente num mundo intersubjetivo. Vivendo num mesmo horizonte de possibilidades, o mundo torna-se, para nós, inteligível. Sendo assim, é a intersubjetividade que serve de fundamento para tudo o que há no mundo (HUSSERL, 2001, p. 169). E é ela que nos remete novamente ao sujeito: o movimento eu-outro-mundo é um *continuum*, uma obra sempre inacabada das subjetividades que vivenciam esta experiência. Deste modo, vemos a importância da imaginação como componente fundamental da constituição do outro no campo temporal e de significações do sujeito de Husserl. A intersubjetividade é possibilitada pela capacidade de se imaginar o outro como alguém semelhante, que possui vivências que podem, dessa forma, ser comunicadas. É por esta capacidade que podemos pensar acerca da experiência do agora, do que já se foi e do que virá, das possibilidades de sentido enquanto mônadas que, em união, dão sentido ao mundo. Mesmo não abordando diretamente o assunto da imaginação em suas *Meditações cartesianas*, percebemos, ao longo do texto, várias referências indiretas, implícitas, à sua presença e necessidade - mais notadamente nos processos de constituição da intersubjetividade, como a endopatia e o emparelhamento. Segundo Husserl, a experiência transcendental é a experiência de si mesmo e a experiência do outro. No epílogo das *Meditações*, ele diz:



No interior de qualquer esfera monádica, e, a título de possibilidade ideal, no interior da esfera monádica imaginável, reaparecem todos os problemas da realidade contingente, da morte, do destino, o problema da possibilidade de uma vida 'autenticamente' humana e tendo um 'senso' na acepção mais forte desse termo e, entre esses problemas, os do 'sentido' da história e assim por diante, subindo cada vez mais alto. Podemos dizer que são esses os problemas éticos e religiosos, mas postos num terreno onde deve ser colocada toda questão que possa ter num sentido possível para nós.

"Eu sou", mas o outro aparece indubitavelmente na minha esfera constitutiva; não como objeto num mundo possível pela bondade divina, mas como outro que, juntamente comigo, constrói, pensa, sofre e anseia pelo sentido de um mundo real existente. Um mundo possível.

Referências bibliográficas

DESCARTES, René. **Meditações sobre filosofia primeira**. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Editora UNICAMP, 2004.

HUSSERL, Edmund. **Conferências em Paris**. Trad. António Fidalgo e Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1992.

HUSSERL, Edmund. **Meditações cartesianas**. Trad. Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2001.

HUSSERL, Edmund. **A idéia da fenomenologia**. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2000.

PAISANA, João. **Husserl e a idéia de Europa**. Lisboa: Edições Contraponto, 1997.

RICOEUR, Paul. **Do texto à acção**. Ensaios de hermenêutica II. Lisboa: Porto, 1989.